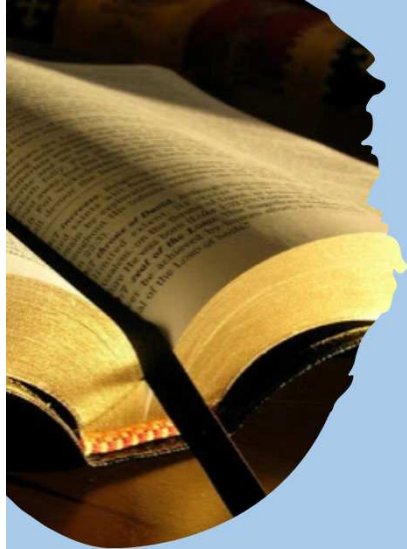




A Bíblia



Vê as minhas aflições e livra-me,
pois não me esqueci da Tua Lei.
Defende a minha causa e salva-me;
dá-me vida, segundo a Tua promessa.
A salvação está longe dos ímpios,
porque não observam os Teus decretos.
Grande é a Tua bondade, Senhor;
dá-me vida, segundo as Tuas promessas.
Muitos são os meus inimigos e opressores,
mas eu não me afasto dos Teus preceitos.
Ao ver os transgressores, fico desgostoso
porque não guardam a Tua Palavra.
Vê como amo os Teus decretos;
dá-me vida, pela Tua bondade, Senhor.
A essência da Tua Palavra é a verdade;
os Teus decretos são justos e eternos.



Conclusão do AT

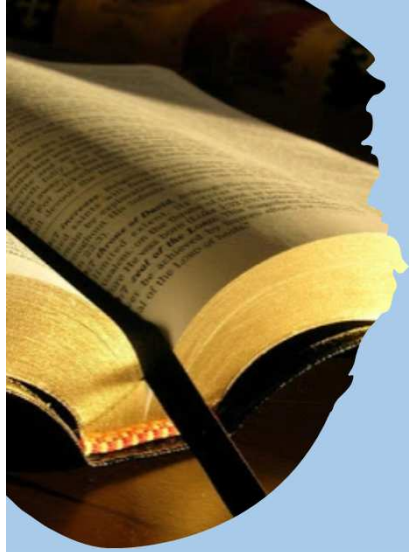


1) Uma comunidade muito criativa

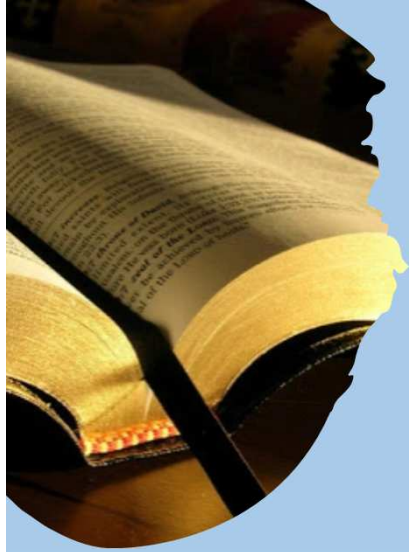
- O percurso que fizemos, tentou dar uma ideia da vastidão e qualidade da atividade que teve lugar nessa pequena povoação, Jerusalém, durante um tempo tão obscuro em outros aspetos: o período persa.
- É um verdadeiro milagre como numa cidade com menos de três mil habitantes, capital de uma província periférica e economicamente depauperada do império persa, se conseguiu compor a Bíblia hebraica, uma das coleções de escritos mais influentes da história da Humanidade.



- O regresso a Jerusalém foi marcado, desde o início, pela experiência de resistência cultural com que os deportados judeus na Babilónia conseguiram manter a sua identidade nacional, fazendo-a evoluir simultaneamente.
- Ali nasceu a convicção de que eram o povo eleito não por um deus, mas pelo único Deus.
- Podemos entender a produção literária do período persa como o resultado do esforço para digerir esta enorme descoberta.



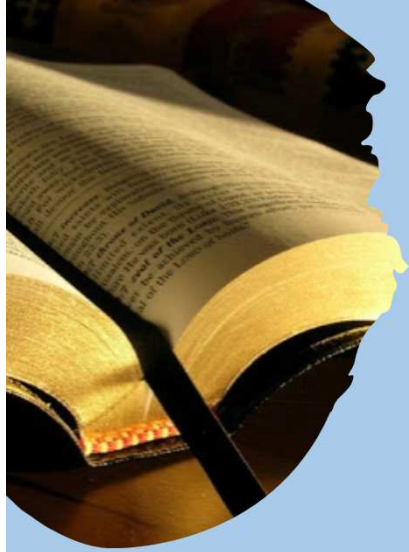
- Durante aqueles anos, não só se terminaram de redigir a Torá e os Profetas, mas também se compuseram novas obras históricas que conferiram legitimidade e inteligibilidade à sua situação presente (Esdras, Neemias e Crônicas) e se pôs por escrito a tradição poética, religiosa e profana (Salmos, Lamentações, Cântico dos Cânticos), assim como o património sapiencial (Provérbios).
- Produziram-se também escritos que colocavam perguntas e questionavam a teologia mais tradicional (Job e, já há época helenística, Coélet).



- Compuseram-se igualmente duas breves novelas que falam do heroísmo das mulheres para sustentar a vida deste povo ameaçado (Rute e Ester).
- Na falta de uma casa real e desprovidos de soberania política, o culto no Templo e a fixação por escrito dessa intensa reflexão histórica, profética e sapiencial converteram-se no centro da vida comum e na explicitação da identidade dos retornados do exílio.



- A palavra escrita adquiriu neste contexto uma importância sem precedentes e impulsionou o processo de reconhecimento de uma coleção de textos como «Sagrada Escritura».
- Foi assim nascendo a Bíblia hebraica e o povo de Israel foi-se convertendo, em virtude desse mesmo processo, no «Povo do Livro».
- A palavra conseguiu ser mais resistente do que as pedras.



- Quando o segundo Templo, levantado com tanto esforço pelos retornados da Babilónia, foi destruído pelos romanos no ano 70 d. C., a Bíblia hebraica, aceite também pelos cristãos como o seu Antigo Testamento, continuou a sustentar judeus e cristãos durante os séculos seguintes.



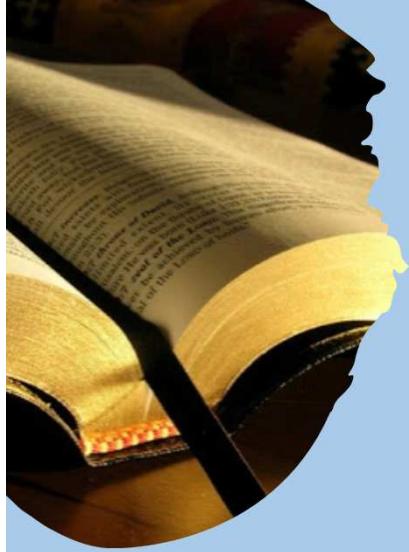
2) Nova ordem mundial

- O surgir da Grécia.
- Atenas como polo político e cultural.
- Filipe da Macedónia e Alexandre Magno.
- O Helenismo.



3) A Septuaginta

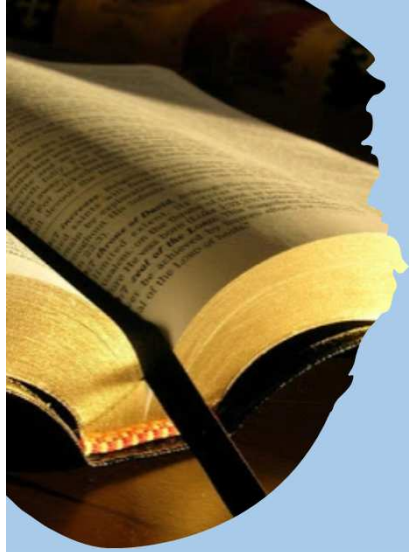
- Durante o século III a. C., em Alexandria, foi traduzido o Pentateuco para Grego.
- Nos dois séculos seguintes foram sendo traduzidos também os outros livros da Bíblia hebraica.
- Esta tradução, chamada Septuaginta ou Bíblia dos Setenta (abreviadamente, «os LXX»), foi amplamente acolhida pelos judeus da diáspora que já não falavam a língua dos seus antepassados.
- Também os primeiros cristãos utilizaram, preferentemente, esta versão.



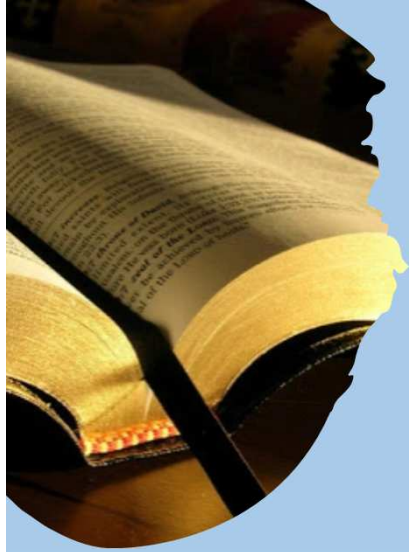
- O nome «Septuaginta», palavra grega que quer dizer «setenta», provém de uma lenda recolhida num documento do século II a. C..
- Segundo este texto, o rei do Egito Ptolomeu II Filadelfo recebeu o pedido do diretor da biblioteca de Alexandria para que se traduzisse para a sua coleção a Torá dos judeus.
- O rei contactou o sumo sacerdote Eleazar, do Templo de Jerusalém, que enviou setenta e dois sábios para executar esta tarefa.



- Os setenta e dois homens, encerrados em setenta e duas casas, sem poderem comunicar entre si, produziram em setenta e dois dias traduções exatamente iguais.
- Isto, como é óbvio, é uma lenda cuja intenção é conferir um caráter sobrenatural a esta tradução.
- Graças a ela, a sabedoria de Israel, que condensa uma boa parte do legado sapiencial do Antigo Oriente, emigrou para uma língua indo-europeia e entrou na história do Ocidente.
- O mundo fez-se grego com Alexandre Magno e com a Palavra de Deus também.



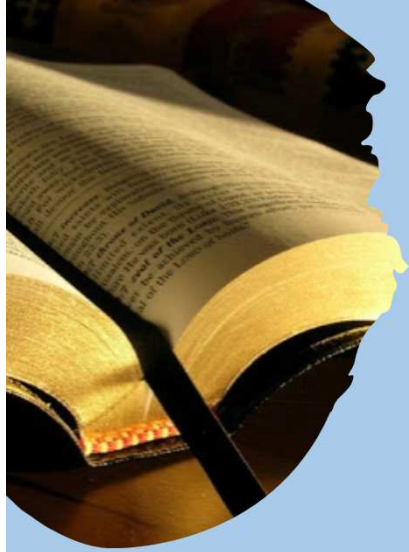
- A Sagrada Escritura dos judeus, escrita numa língua minoritária, passou a ser acessível para os leitores do amplo mundo helenístico. A difícil tarefa de traduzir de uma língua semita para outra indo-europeia um texto tão extenso constituiu uma façanha intelectual que estendeu uma ponte entre dois mundos anteriormente separados.
- Ler a Bíblia em Grego, algo que se tornou habitual, primeiro para os judeus da diáspora e depois para os cristãos, supunha um ato de mestiçagem cultural pelo facto de uma língua ser portadora de atitudes, mentalidades e conceitos próprios.



- Graças à Septuaginta, os judeus de língua grega continuaram a alimentar-se das antigas tradições do seu povo ao mesmo tempo que se tentavam adaptar às novas circunstâncias da cultura helenística.
- Desde os seus inícios que a Igreja cristã bebeu desta tradição. Os autores do Novo Testamento consultaram a Septuaginta para compor os Evangelhos e as Cartas, e os pensadores cristãos dos primeiros séculos, os chamados «Padres da Igreja», utilizaram-na de preferência a outras versões.



- A Septuaginta é muito mais do que uma tradução. Contem, além do mais, livros que não se encontram na Bíblia hebraica. Estes textos não são reconhecidos como parte da Sagrada Escritura nem por judeus nem por protestantes, mas apenas pelos católicos e ortodoxos. Os católicos chamam a estes livros «deuterocanónicos», enquanto os protestantes os denominam «apócrifos».
- São os seguintes:
 - Os dois livros dos Macabeus.
 - O Livro de Judite e o Livro de Tobias. Estas obras são pequenos contos exemplares, no estilo dos de Ester e de Rute.



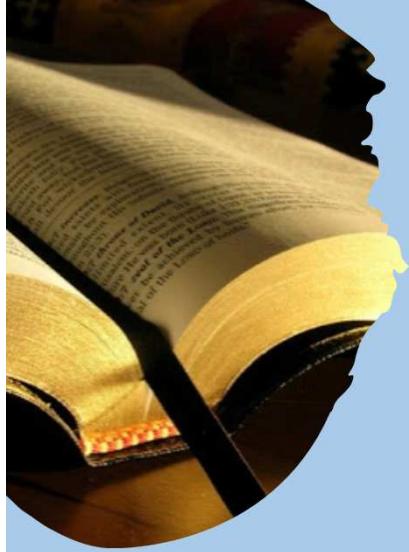
- O Livro de Judite narra a história de Judite, uma viúva judia que acode ao acampamento do exército babilónico que sitia a sua cidade; depois de seduzir e embriagar o seu general Holofernes, corta-lhe a cabeça.
- O Livro de Tobias conta a história de duas famílias judias da diáspora, a de Raguel e a de Tobias, que vivem em duas cidades da Assíria; a família de Raguel sofre o feitiço de uns demónios que acabam com a vida dos homens que se casam com a sua filha Sara, antes que consumam o casamento; Tobit, o filho de Tobias, graças à ajuda do anjo Rafael, consegue vencer a maldição, casar-se com Sara e permanecer vivo.



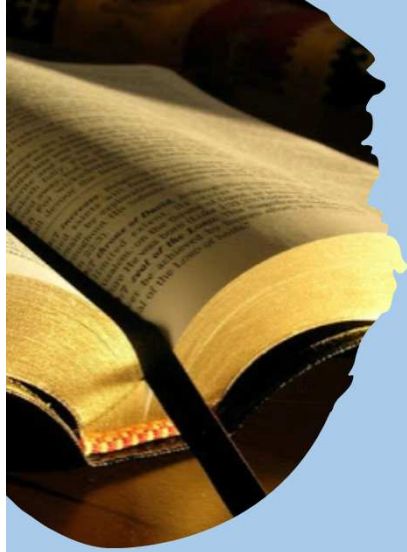
- O Livro da Sabedoria de Salomão, se bem que atribuído a este rei, contém reflexões sapienciais escritas originalmente em Grego durante a época helenista.
- O Eclesiástico, ou Livro de Ben Sirá, é obra de Jesus Ben Sirá, um judeu de Jerusalém dos começos do século II a. C., que partilha a sua sabedoria e ensina sobre a sua fé no Deus de Israel.
- O Livro de Baruc, atribuído ao amigo e secretário de Jeremias com esse nome, é um breve livro de orações compostas supostamente no exílio, além de conter alguns poemas sapienciais.
- A Carta de Jeremias é uma declaração contra a idolatria que teria sido enviada por Jeremias aos habitantes de Jerusalém quando estavam para ser deportados.



- Os livros de Ester e de Daniel, na sua versão da Septuaginta, contêm relatos que não aparecem no texto hebraico e que foram compostos por outro autor e unidos ao original. Costuma-se chamá-los «Adições gregas a Ester e Daniel».
- Os livros deuterocanônicos mostram-nos que a sobrevivência da fé israelita no ambiente helenístico não foi fácil.
 - A história de Judite é uma fantasia violenta sobre a indefesa Judite – o nome é uma referência à «Judeia» – cortando a cabeça de Holofernes.
 - Os livros dos Macabeus contam a guerra que estalou entre os judeus fiéis à sua Lei e o império helenístico selêucida.

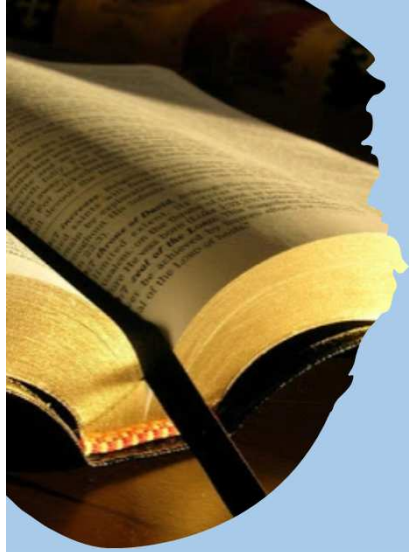


- Ainda que as tensões entre judaísmo e helenismo fossem inegáveis, a Septuaginta, tomada no seu todo, é um projeto de diálogo intercultural que expressa a convicção de muitos judeus daquela época de que o seu legado espiritual não estava destinado a permanecer confinado aos estreitos limites de Israel.
- O Cristianismo dá cumprimento e continuidade a esta intuição. Herdeira da Septuaginta, a Bíblia cristã será, desde o seu início, um texto misto, lançado ao mundo inteiro.



4) O "Além" no Antigo Testamento

- Que diz o Antigo Testamento acerca da existência humana além da morte?
- A ideia de que há um prémio ou um castigo depois da morte pelos atos realizados nesta vida só surgiu em Israel durante a época helenística. Nos escritos deste período encontramos pela primeira vez expressões de uma fé que afirma que Deus ressuscitará os mortos e que estes serão julgados segundo a sua conduta.

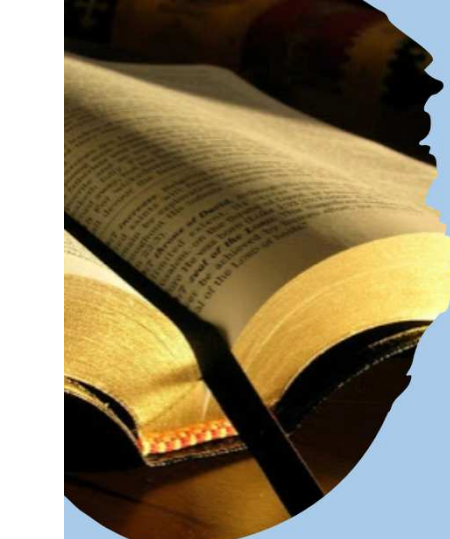


- Antes da época helenística, os judeus acreditavam que depois da morte todo o ser humano, bom ou mau, independentemente do que tivesse feito em vida, ia para o Sheol. Este era imaginado como um lugar semelhante à tumba, subterrâneo, escuro e lúgubre, a que os mortos desciam. Os habitantes do Sheol, os mortos, continuavam a existir, mas como uma mera sombra do que tinham sido; subsistiam como mergulhados num sono profundo, até que o esquecimento se apoderava definitivamente deles:



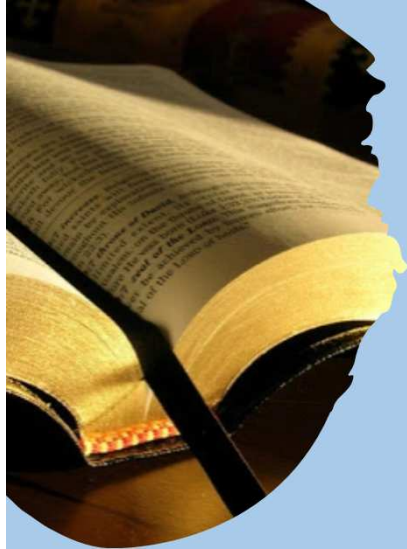
Os vivos sabem que devem morrer, mas os mortos não sabem nada, nem terão recompensa, porque a sua lembrança cairá no esquecimento. O seu amor, ódio e ciúme desaparecem juntamente com eles e nunca mais participarão em nada do que se faz debaixo do Sol. (Ecl 9,5-6)

- Este esquecimento inclui Deus. Os mortos já não se recordam d'Ele nem podem, por isso, louvá-l'O.

- 
- Assim reza o orante dos salmos, tentando convencer Deus a mantê-lo com vida, pois morto já não podia cantar a sua glória:

*Vem, Senhor, salva a minha vida;
livra-me, pela tua misericórdia.
No sepulcro, ninguém se lembrará de ti;
na mansão dos mortos, quem te louvará? (Sal 6,5-6)*

*Que vantagem tiras da minha morte,
e da minha descida à sepultura?
Porventura, poderá o pó louvar-te
ou anunciar a tua fidelidade? (Sal 30,10)*



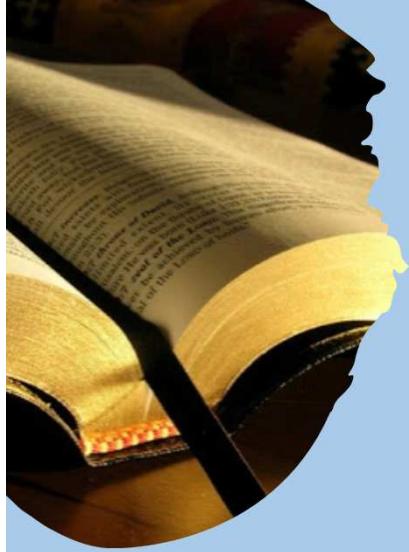
- Israel partilha esta visão do «além» com outros povos do Mediterrâneo.
- Se para o Sheol vão todos, bons e maus, para de lá não voltar, como concebia o povo de Israel antes da época helenística a recompensa pelos atos desta vida? Sem um prémio ou um castigo extraterreno, o que os motivava a fazer o bem e a evitar o mal?
- Ainda que livros como Job ou Eclesiastes ponham em questão que a justiça divina se realize nesta vida, a Bíblia hebraica, com exceção de Daniel, não prevê nenhum além que compense as injustiças do lado de cá. É nesta vida que os bons recebem o prémio pelos seus atos e os maus o seu castigo.



- A Bíblia hebraica evita fazer da morte um problema. O que conta não é o que nos espera no além, mas sim o que fazemos neste mundo. E chama-nos ao realismo: aquilo a que os humanos podem aspirar, como mortais que são, é a uma vida na terra bendita por Deus. Uma mesa festiva com a família reunida e com comida abundante, fruto do trabalho honesto: esta é a imagem da máxima felicidade que, razoavelmente, se pode desejar.
- Foram os gregos da época clássica quem começou a especular com a possibilidade de uma vida além da morte.



- Durante o helenismo, os judeus estiveram expostos às ideias gregas sobre a imortalidade. É possível que tenha sido a influência grega, o que os estimulou a pensar que podia haver uma vida que merecesse a pena depois da morte. Em qualquer caso, a ideia israelita de imortalidade foi, desde o princípio, muito distinta da grega.
- Os filósofos gregos fundamentavam os seus argumentos sobre a imortalidade numa análise da natureza humana considerada como um composto de corpo e alma. Pelo seu lado, o judeu partia da sua experiência de fé num Deus justo: se Deus é justo não pode consentir que um carrasco injusto triunfe sobre a vítima inocente.



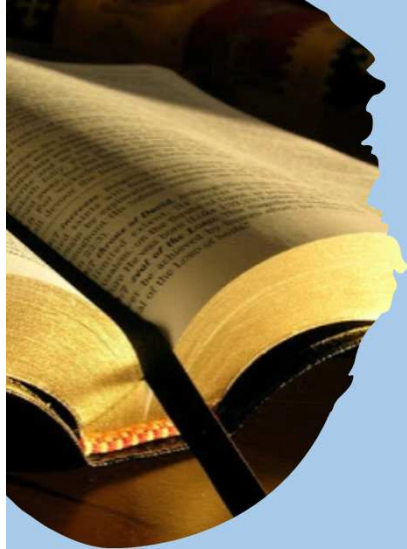
- Foi particularmente durante os anos de perseguição de Antíoco IV Epifânio, momento em que morreram muitos mártires judeus sob a espada dos selêucidas, que surgiu uma vigorosa fé em que Deus teria de fazer justiça depois da morte visto que não se tinha podido fazê-la neste mundo.
- O autor do Segundo Livro dos Macabeus, ao narrar o martírio de sete irmãos que se negaram a comer alimentos proibidos pela Torá, coloca na boca daqueles estas palavras, dirigidas ao rei Antíoco IV Epifânio:



«Ó malvado, tu arrebatas-nos a vida presente, mas o rei do universo há-de ressuscitar-nos para a vida eterna, se morrermos fiéis às suas leis.»

«É uma felicidade perecer à mão dos homens, com a esperança de que Deus nos ressuscitará; mas a tua ressurreição não será para a vida.» (2 Mac 7,9.14)

- O que conduziu a fé judaica até à ideia de ressurreição não foi uma especulação teórica acerca da alma humana, mas sim uma fé purificada na prova do martírio.



- Foi esta fé que impulsionou uma nova doutrina, que se formulou como «ressurreição do corpo»: não sobreviverá apenas a alma, identificada pelos gregos como o intelecto, mas o ser humano inteiro.
- Deus, que tudo pode, restituirá aos mortos o seu corpo, quer dizer, tudo o que os fazia ser quem eram, e estes voltarão à vida para serem julgados.
- Não se trata, portanto, de uma sobrevivência apenas da mente, mas do ser humano total, feito de pensamentos e emoções, de memórias e história, e especialmente de relações pessoais com Deus e com outros seres humanos.



- A fé na ressurreição surgiu durante o século II a. C.. No tempo de Jesus era ainda uma ideia relativamente inovadora que nem todos os judeus aceitavam: os fariseus, por exemplo, acreditavam na ressurreição, mas não os saduceus, um importante grupo ideológico formado sobretudo por sacerdotes.
- De qualquer forma, a fé na ressurreição não ocupava um lugar central na fé dos judeus da época de Cristo; nem mesmo hoje esta doutrina pertence aos fundamentos do Judaísmo.
- Mas é absolutamente essencial para a fé cristã, e não porque Jesus trouxe novas ideias sobre a ressurreição, mas porque os cristãos acreditam que Ele ressuscitou de entre os mortos.